

SOCIOLINGUÍSTICA: ALGUNS SENTIDOS POSSÍVEIS PARA SUA HISTÓRIA NO BRASIL

Lívia Helena Moreira e Silva

Introdução

Neste trabalho, vou-me ocupar da designação da palavra “sociolinguística” na introdução de Paulino Vandresen à primeira coletânea publicada no Brasil com textos importantes de especialistas estrangeiros precursores da sociolinguística traduzidos para a língua portuguesa.

Minhas reflexões serão sustentadas por uma concepção enunciativa e histórica da linguagem ancorada à semântica do acontecimento, que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação tomada como um acontecimento, entendido como o que faz diferença na sua própria ordem, sendo que o que especifica este acontecimento é a temporalidade que ele constitui: seu passado, seu presente e seu futuro. Nessa mesma perspectiva, “não há como considerar que uma forma funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto” (Guimarães, 2002, p. 7).

Sendo assim, buscarei, por meio da análise desse texto de 1974 que introduz a comunidade científica brasileira à obra intitulada *Sociolinguística*, compreender como, no presente da enunciação, o nome “sociolinguística” vai funcionar pelas condições de sua significação, isto é, pelo seu passado recortado como rememoração de enunciações, abrindo-se a uma latência de futuro que projeta sentidos e é condição de sua interpretabilidade.

De forma um pouco mais ampla, procurarei compreender como, na introdução da sociolinguística ao pensamento científico brasileiro sobre a linguagem, ela é significada de modo a justificar seu desenvolvimento no país pela evocação de um passado que, no presente do acontecimento, determinará o seu futuro.

Algumas considerações sobre o livro e a significação da sociolinguística

O texto objeto de minha análise integra a primeira coletânea de artigos sobre sociolinguística traduzidos para o português e publicados no Brasil, o que por si só já nos dá indícios de sua importância na introdução e difusão desse campo de estudos no país, onde até então os textos teóricos sobre o assunto circulavam (ainda que de modo restrito) apenas na língua original em que haviam sido escritos. O livro, que leva o nome da disciplina, compreende uma antologia organizada pelas professoras Maria Stella Vieira da Fonseca e Moema Facure Neves e integra a coleção *Enfoque* de Linguística e Teoria Literária da Editora Eldorado. Após sua publicação em 1974, passou a fazer parte da bibliografia de todos os estudos de sociolinguística desenvolvidos no país nos anos posteriores da mesma década.

Dessas breves informações acima expostas já é possível encontrar elementos que nos oferecem pistas sobre a produção dos sentidos da sociolinguística no Brasil no início dos anos 1970. Trata-se de um campo do saber que, apesar de recente àquele tempo, antes de chegar ao país já havia se consolidado e adquirido um estatuto privilegiado nos Estados Unidos e na Europa ao promover um diálogo interdisciplinar entre linguistas, sociólogos e antropólogos. Embora seu lugar frente a esses três campos (linguística, sociologia e antropologia) ainda fosse ambíguo, ele chega ao Brasil pela linguística, prova disso é a inserção do livro em uma coleção de linguística e teoria literária.

Interessante notar também que o livro não inaugura a entrada da sociolinguística no Brasil. À época de sua publicação já havia teses e dissertações sendo produzidas na área, disciplinas sobre o tema já eram ministrados nos cursos de pós-graduação em estudos da linguagem das principais universidades brasileiras, alguns artigos sobre o assunto já haviam sido publicados em revistas e periódicos e um vultoso projeto governamental (a saber, a análise do *corpus* do Mobral) era tocado a partir das técnicas de investigação sociolinguísticas. Apesar disso, a tradução para o português dos artigos de autores cujos nomes estavam diretamente associados à consolidação do termo e fundação e desenvolvimento dessa área interdisciplinar dá início a uma reorganização do modo como o conhecimento sobre a sociolinguística era distribuído no meio acadêmico brasileiro.

Em sua semântica do acontecimento, Eduardo Guimarães coloca-se na posição para a qual a análise do sentido da linguagem se faz a partir do estudo da enunciação, esta concebida como acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua, constituindo, portanto, uma questão do sujeito na linguagem. O estudioso elabora a noção de “espaço de enunciação”, entendido como um espaço de relação entre línguas, entre falantes e entre línguas e falantes, para dar conta do fato de que as línguas, por serem atravessadas pelo político, são distribuídas de forma desigual e hierarquizada entre os falantes.

Assim, podemos dizer que no espaço de enunciação do qual falavam os estudiosos da linguagem no Brasil, isto é, professores e alunos de graduação e pós-graduação, enquanto alguns tinham acesso direto ao conhecimento disponível sobre a sociolinguística, não somente pelo domínio das outras línguas que ocupavam esse espaço do dizer (sobretudo o inglês e francês), como também pela possibilidade material de ter contato com essas publicações que vinham de fora ou eram adquiridas fora do país, outros tinham acesso a esse conhecimento somente em português, portanto mediado pelos primeiros. É claro que a disputa pela palavra nesse espaço de enunciação nunca seria equilibrada para os falantes que tivessem acesso às obras originais que forneciam, em idioma estrangeiro, os fundamentos para as publicações em português e para os falantes que tivessem acesso somente a algumas obras traduzidas (mesmo porque são os primeiros que as selecionam e traduzem); mas o início da publicação de textos considerados clássicos da sociolinguística traduzidos para o português certamente serviu para ampliar o acesso ao conhecimento da área, ao mesmo tempo em que significou uma maior integração da sociolinguística à linguística brasileira.

Um último ponto que gostaria de destacar sobre o livro é a coincidência do seu título com o nome de uma disciplina científica. Isso acaba por criar um efeito de completude e exaustividade que vai significar o livro enquanto portador do que há de essencial a saber sobre o tema, o que faz

com que nele a sociolinguística seja significada em função dos nomes dos autores dos artigos que o compõem, das suas nacionalidades e dos temas de que eles tratam, ou melhor, os temas tratados no livro terão um estatuto superior ao dos outros que também integram o escopo da disciplina mas não aparecem nele, apagando o fato de que ali houve um recorte, determinado não apenas pela seleção das organizadoras da coletânea, como também por questões institucionais, editoriais e relacionadas à concessão de direitos autorais.

O texto e o agenciamento da enunciação

Como já foi exposto anteriormente, a relação de sentido, na posição que adoto em minha análise, está na passagem do enunciado para o texto, para o acontecimento. Esta passagem não é segmental, as relações são normalmente transversais, sobrepostas, etc., de modo que o texto caracteriza-se não como composto por segmentos, mas como “integrado por elementos linguísticos de diferentes níveis e que significam em virtude de integrarem esta unidade” (Guimarães, 2012, p. 30).

É preciso considerar que essa relação de integração, que é o que vai construir como unidade o que na realidade é originalmente disperso, se dá porque é constituída na relação de enunciação, porque um falante que assume a posição de autor preenche a distância que se instalaria entre os segmentos se eles se combinassem mecanicamente.

Para entender este aspecto no texto objeto de minha análise, tomo as definições para falante; Locutor; locutor-x; enunciador, tal como Eduardo Guimarães (2002) coloca em *Semântica do Acontecimento*.

O falante, na perspectiva do autor, não é um ser empírico, físico-fisiológico, mas uma figura constituída no espaço de enunciação pelas relações das línguas com quem as fala. No acontecimento da enunciação, entretanto, não há simplesmente um falante, o falante é tomado como Locutor (L), que é o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer. Acontece que esta representação de origem do dizer não é una, para se estar no lugar de L é preciso estar agenciado pelos lugares sociais autorizados a falar, de uma certa maneira e em certas línguas. Ou seja, o locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social (x). E é só enquanto ele se dá como locutor-x, que se dá como L.

Assim sendo, se o linguista Paulino Vandresen escreve a introdução de uma coletânea de textos traduzidos sobre sociolinguística da qual ele não é sequer o organizador, ele o faz não porque, enquanto ser empírico no mundo, se dá a si ser a origem do que diz, mas porque enquanto cientista brasileiro, que fala português e tem um amplo conhecimento dos trabalhos de sociolinguística publicados em outras línguas, está autorizado a se dar como origem do próprio ato de introduzir uma obra como essa, de colocar o conhecimento ali disponível em circulação. Seu lugar social de locutor é o de locutor-linguista que fala em Língua Portuguesa. Ele é agenciado a falar deste lugar social que particulariza o espaço de enunciação por uma deontologia específica do dizer.

No acontecimento da enunciação, há, pois, uma disparidade constitutiva do Locutor e do locutor-x, disparidade que, no entanto, é apagada no presente do acontecimento pela representação da inexistência dos lugares sociais do dizer.

Tomemos um enunciado da introdução de Vandresen:

(1) “a ênfase dos estudos linguísticos da primeira metade do século recai sobre a linguística histórica e posteriormente sobre as estruturas fonológicas e morfológicas, sem referências a correlações sociais” (p. 9).

A enunciação desse enunciado é um dizer que se apresenta como verdadeiro em virtude da relação do que é dito com os fatos. O Locutor ao ser significado como submetido ao regime do verdadeiro ou falso, próprio do discurso científico, se representa na enunciação como lugar de dizer, simplesmente. No presente caso, um lugar de dizer representado como universal, isto é, como estando fora da história ou acima dela. Trata-se de um enunciador-universal.

Tomemos agora um outro enunciado do mesmo texto:

(2) “De qualquer forma os trabalhos aqui apresentados nos colocam em contato íntimo com a sociolinguística e sua metodologia” (p. 12).

Neste caso, sua enunciação se dá como independente da história pela representação de uma individualidade a partir da qual se pode falar. O Locutor já não se representa mais como enunciador-universal, submetido ao regime do verdadeiro ou falso, mas como enunciador-individual, o que fica claro pelo uso do pronome nós, que o inclui entre aqueles a quem os trabalhos do livro colocam em contato com a sociolinguística. Ademais, esse enunciador individual sustenta, no argumento por autoridade, a possibilidade de afirmar o que afirma sobre esses trabalhos.

Para tratar dessa ambiguidade do engajamento do Locutor nos enunciados, ora como enunciador-universal, ora como enunciador-individual, é preciso lembrar que esses enunciados integram uma unidade maior, o texto; e o engajamento do locutor com o texto constitui uma relação de autor (Guimarães, 2012, p. 34).

Pois bem, há no texto de Vandresen uma ambiguidade quanto ao seu próprio objeto: ao mesmo tempo em que apresenta o livro *Sociolinguística*, apresenta a disciplina homônima. No primeiro caso, o locutor assume, enquanto linguista brasileiro, uma voz coletiva (na qual ele mesmo se inclui), na posição de autor apresentador do livro no Brasil. Importante destacar que seu texto integra a obra de um modo totalmente diferente daqueles que o precedem na publicação, pois sua tarefa não é a produção, mas a colocação do conhecimento produzido nos outros textos em circulação, e essa circulação também o afeta enquanto cientista. Isso porque os outros textos do livro fornecem os elementos para uma história da sociolinguística no Brasil, da qual o autor faz parte. No segundo caso, o locutor assume a voz da ciência na posição de autor historiador da disciplina no mundo. “É esta relação de autor que significa a relação de integração dos enunciados com a unidade do texto” (ibidem).

A distribuição desses lugares de enunciação se constitui pelo acontecimento por sua própria temporalização. Ou seja, no caso em análise a temporalidade do acontecimento enunciativo é o presente que este acontecimento constitui e é um passado de enunciações que autoriza o linguista a divulgar o livro de uma disciplina que ainda não está consolidada no Brasil, ao mesmo tempo em que divulga a própria disciplina. É preciso, como explicitarei melhor na sequência, que o desenvolvimento desse campo do saber no Brasil se justifique de algum modo pela sua necessidade (seja científica, seja social) ou pelo seu êxito nos países de onde veio. Essa divulgação tem como seu passado esta memória, que na análise descobriremos qual é, que se apresenta com o presente do acontecimento. Esta memória, por outro lado, faz sentido no acontecimento porque projeta um futuro de sentidos.

O rememorado e a designação de sociolinguística

É pensando em termos de temporalidade que tratarei da designação no nome *sociolinguística* no texto de Paulino Vandresen. E quando falo em designação do nome, na perspectiva da semântica do acontecimento, falo exatamente da sua significação,

mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. É nesse sentido que não vou tomar o nome como uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos. Vou considerar, tal como Rancière (1992), que os nomes identificam objetos. (Guimarães, 2002, p. 9)

Para mim, importa, então, a seguinte questão: ao falar, o que o autor fala da sociolinguística? Essa pergunta é importante na perspectiva em que minha análise se insere, pois nela o funcionamento do nome se dá nas relações enunciativas, entre os enunciados que integram um mesmo texto e entre estes e os do passado evocado no acontecimento do dizer.

O primeiro fato a ser observado a respeito da significação do nome sociolinguística no texto de introdução do livro *Sociolinguística* é que, apesar de tratar-se de um texto científico, do qual geralmente espera-se a apresentação de conceitos e definições lineares em atendimento a um critério de objetividade e clareza próprio de textos do gênero, não há nele uma definição explícita para o tema que apresenta. O que não significa que não haja uma definição para a sociolinguística fora desse texto. Se houver, o passado da definição que poderia ser convocado no seu presente não foi dito.

O que mais se aproxima de uma definição de sociolinguística é o que o autor traz logo no início do texto:

(3) 1. A sociolinguística constitui-se em um dos campos mais férteis da pesquisa linguística da última década. É difícil estabelecer exatamente quando começou este novo campo interdisciplinar. Com diferentes nomes inicialmente, mas com crescente interesse, começou-se a explorar a relação entre formas linguísticas e fatores ou funções sociais. O termo “sociolinguística” ganhou evidência em publicações, nomes de cursos, seminários, mesas redondas, etc. e de tal forma revolucionou o campo do ensino, particularmente o da língua nacional, que

nenhum professor pode ignorara as novas diretrizes e perspectivas abertas por esta disciplina. (p. 9)

A definição possível para sociolinguística, nesse caso, seria somente por reconstituição, em uma paráfrase como:

(3a) campo da pesquisa linguística, que se constitui como novo campo interdisciplinar, cujo objetivo é explorar a relação entre formas linguísticas e fatores ou funções sociais.

Nessa reconstituição, porém, perdem-se elementos importantes da significação do nome, como, por exemplo, a falta de especificidade do objeto a que o autor chama sociolinguística: ali ele é tanto o “novo campo” de estudos como “o termo sociolinguística”. Isso vai significar esse objeto enquanto uma disciplina que se institui e se estabiliza pelo termo, ou seja, é pela consolidação da terminologia que a disciplina ganha a evidência que ganha, pois à medida que se divulga o termo, ela é também divulgada.

Outro aspecto interessante a considerar, ainda em (3), é a relação da sociolinguística com a linguística. Ao mesmo tempo em que ela é significanda como campo da linguística, é significanda como um “campo interdisciplinar” composto também por áreas exteriores à linguística. Fica assim indefinido o que é hipônimo de quê: se a sociolinguística é hipônima da linguística ou se, ao contrário, é a linguística que, ao lado de outros campos disciplinares, será hipônima da sociolinguística.

Talvez o fato, já mencionado anteriormente neste trabalho, de o livro que integra o texto em análise fazer parte de uma coleção de linguística e teoria literária contribua para que sociolinguística seja mais fortemente significanda como hipônima de linguística do que o contrário, mas isso é apenas uma hipótese, que não apaga a indefinição dessa relação de pertencimento no texto de Vandresen.

Sobre a sociolinguística enquanto campo interdisciplinar, não fica claro também que disciplinas exatamente são abarcadas no seu escopo de interdisciplinaridade. Ao tratar do objeto de interesse da sociolinguística, sempre em função de um antes da disciplina nos países onde ela se desenvolveu inicialmente, ora o autor fala de

- (4) “relação entre formas linguísticas e fatores ou funções sociais” (p. 9),
- (5) “dimensão social das formas linguísticas” (p. 9),
- (6) “estudos em que o linguístico e o social estão de alguma forma correlacionados” (p. 10),

significando a sociolinguística pela relação entre linguística e sociologia; ora fala de

- (7) “estudo de certas correlações sistemáticas entre línguas e fatores culturais e sociais” (p. 10),
- (8) “estudo das relações entre língua, cultura e sociedade” (p. 10),

significando a disciplina pela relação entre linguística, sociologia e antropologia; ora fala apenas de

(9) “relações entre língua e cultura” (p. 10),

significando a disciplina pela relação entre linguística e antropologia.

A sociolinguística é caracterizada no texto por esses deslizamentos entre o social, o cultural e o linguístico em função do passado de sentidos que é nele construído na sua relação com nomes de autores, tanto predecessores quanto precursores da disciplina, tais como Vilém Mathesius, Bohuslav Havranek, Herbert Landar, Dell Hymes, Sapir, Pike, J. Hertzler, Uriel Weirich, Walter Wolfram, para citar apenas alguns cujos trabalhos são mencionados no texto (no corpo do texto e nas notas) e que não integram a coletânea do livro.

Esse recorte específico do passado da disciplina ligado a nome de autores irá significá-la também em função do país onde esses autores desenvolveram seus trabalhos, a quase totalidade deles nos Estados Unidos. Somando a isso o fato de que todos os artigos integrantes da coletânea foram escritos por autores americanos, à exceção do último deles, que foi escrito em coautoria por um americano e uma francesa, a sociolinguística, tal como abordada no texto, é fortemente significada pelo seu surgimento nos Estados Unidos e por sua ligação com os nomes de William Bright, William Labov, Joshua Fishman, John Fisher, Charles Ferguson, Paul Garvin e Madeleine Mathiot, autores dos artigos incluídos na antologia, considerados “clássicos” por definir as “dimensões e metodologia básica da sociolinguística”.

Voltando-me agora para o texto de Vandresen enquanto apresentação especificamente da coletânea que ele introduz, irei me dedicar a alguns pontos cruciais da sua orientação argumentativa no sentido de justificar a publicação de uma obra desse nível no Brasil, ao mesmo tempo em que justifica o desenvolvimento da sociolinguística no país.

Começarei pela enumeração das causas do “súbito e extraordinário florescimento da sociolinguística em nossos dias”:

(10) 3.1 “[...] A preocupação de integrar minorias linguísticas [...]” (p. 10),

(11) 3.2 “[...] o planejamento linguístico, em pleno desenvolvimento nas jovens nações africanas, Índia, Filipinas, etc.” (p. 11),

(12) 3.3 “Mas é sobretudo no campo educacional, na tarefa de fazer ascender socialmente as classes menos favorecidas que a sociolinguística tem encontrado estímulo financeiro e acadêmico. No Brasil, por exemplo, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) convocou uma reunião com os linguistas brasileiros, apresentando problemas que estão a exigir pesquisas sociolinguísticas relacionadas com dialetos sociais. Os sistemas estaduais de ensino vêm sentindo o problema do ensino da língua nacional, particularmente no 1º grau. [...]” (p. 11),

(13) 3.4 “A possibilidade de achar bases sólidas para a teoria linguística e a convicção de que os fatores sociais que influenciam a língua são fatores legítimos de investigação linguística [...]” (p. 11).

Das quatro causas enumeradas, três delas são estritamente sociais, sendo apenas a última científica e linguística. A importância da sociolinguística no mundo é significada, assim, como função do seu potencial de promover modificação nas relações sociais frente a demandas

específicas em que o linguístico figura de alguma forma. Entre essas demandas, a principal delas é a relacionada ao ensino de língua, que constitui também a principal justificativa do desenvolvimento da disciplina no Brasil, tanto que o caso brasileiro é evocado como memorável no acontecimento da enunciação para demonstrar o potencial da disciplina no tratamento do problema do ensino da língua nacional aqui enfrentado, como se vê em (12).

É por isso que a leitura dos trabalhos agrupados na coletânea será

(14) “particularmente importante nos cursos de formação de professores nas Faculdades ou Institutos de Letras”. (p. 11)

A importância do livro na formação de cientistas da linguagem é, assim, menor que na formação de professores, do mesmo modo que (13), por ser uma causa científica, é menos importante que as demais causas do extraordinário florescimento da sociolinguística no mundo, e assim será também no Brasil. Isso fica mais claro quando se lê no texto:

(15) “As tarefas da sociolinguística no Brasil são muitas e urgentes...” (p.12),

e em seguida a seleção dos artigos que compõem o livro justifica-se por incluir

(16) “artigos clássicos definindo as dimensões e a metodologia básica da sociolinguística” (p. 12).

A ausência de uma problematização teórica se repete em outras duas passagens:

(17) “os trabalhos aqui apresentados nos colocam em contato íntimo com a sociolinguística e sua metodologia” (p. 12)

(18) “A ele [William Labov] deve a sociolinguística a elaboração e teste das técnicas de investigação das relações entre fatores sociais e variantes linguísticas” (p. 12-13)

O desenvolvimento da sociolinguística no Brasil se justifica, desse modo, mais pelo ensino e pela elaboração de políticas linguísticas do que pela ciência. Ela (a sociolinguística) vem explicar uma questão posta previamente, pela simples aplicação de uma metodologia que foi bem sucedida em trabalhos estrangeiros de prestígio mundial. Sem que seja problematizada a possibilidade de a realidade sociolinguística brasileira colocar questões para a teoria, fazendo com que a disciplina se desenvolva aqui de um modo particular, a sociolinguística no Brasil é significada como uma importação irrefletida de algo que vem de fora. Na realidade, a sociolinguística, de um modo geral, acaba por ser significada como uma técnica de investigação simplesmente, que pode ser transportada de um local a outro, e não como uma ciência a que subjaz uma teoria bem fundamentada. Isso acaba por colocar em questão o que é dito em (13).

Está implícita neste modo de conceber a relação da teoria em diferentes territórios uma homogeneização do social e do linguístico, uma desistoricização desses dois fatores, que continuariam os mesmos e não colocariam questões teórico-metodológicas para a disciplina.

CONCLUSÃO

Neste trabalho busquei encontrar, na análise da designação de sociolinguística no texto de introdução à primeira antologia de textos considerados clássicos da área traduzidos para a língua portuguesa, alguns sentidos possíveis para a história da sociolinguística no Brasil.

Pelas considerações apresentadas, vemos que no início da década de 1970 seu desenvolvimento se justifica no interior da linguística neste país em função de um passado enunciativo muito específico, ligado a seu florescimento nos Estados Unidos, sem que a especificidade do espaço de enunciação da língua portuguesa no Brasil seja levado em consideração. Mas é sobretudo pelo argumento do ensino, ligado a uma urgente demanda social relativamente ao ensino de língua portuguesa, que o autor orienta sua argumentação ao justificar a instituição da sociolinguística no Brasil, o que não é sem consequências para o seu depois, ao contrário, é um modo de significar a disciplina que projeta seu futuro no país.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, E. *Análise de Texto*. Campinas: RG, 2012.

GUIMARÃES, E. "Os sentidos e política de uma palavra da ciência". In: Zandwais, A. e Romão, L. (Org.). *Leituras do Político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. pp. 83-104.

GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. *Texto e Argumentação*. 4. ed. (revista e ampliada). Campinas: RG, 2007.

GUIMARÃES, E. "Texto e Enunciação". In: *Organon*. v. 9, n. 23. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

LEMLE, M. e NARO, A. *Competências Básicas do Português*. Rio de Janeiro: Mobral e Fundação Ford, 1977.

VANDRESEN, P. *et al.* *Revista de Cultura Vozes: Panorama da sociolinguística*. No 8, ano 67, vol. LXVII, out/1973. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Texto analisado:

VANDRESEN, P. "Introdução". In: Fonseca, M. e Neves, M. (Org.). *Sociolinguística*. Coleção Enfoque. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. pp. 9-15.